

*

* *

TOLEDO (Marcelo de Almeida). — *A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado; 75 pp. 71 fotografias. Planta Geral da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. 1975.

Os estudiosos de História do Brasil sempre se depararam, entre outros problemas, com a grave lacuna de documentação iconográfica que refletisse os muitos aspectos da vida e da paisagem de cada época.

Daí o inestimável valor das contribuições de viajantes estrangeiros como Debret, Rugendas e outros que, a partir do início do século XIX, extasiados diante da paisagem exótica e do colorido complexo social do Brasil, nos deixaram suas impressões pictóricas.

Desde o início da nossa história, se temos as ricas e extensas descrições literárias da fauna, da flora e das populações indígenas feitas pelos esuítas, faltam-nos, quase completamente testemunhos pictóricos da vida na colônia. Aliás, os primeiros a pintar as belas paisagens nordestinas e a retratar os variegados tipos humanos que as animavam foram mais uma vez, estrangeiros — os holandeses Franz Post e Albert Eckhout integrantes da comitiva de Maurício de Nassau.

Os colonos portugueses voltados para conquista de riquezas e o desbravamento do território nada deixaram de suas impressões sobre o mundo em que viviam no campo das artes plásticas.

Dentre os portugueses apenas podemos destacar os artistas-cartógrafos que acompanharam a expedição amazônica do cientista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira nos últimos anos do século XVIII. Eles deixaram admiráveis desenhos de paisagens, panoramas urbanos, animais e plantas, que só recentemente começaram a ser divulgados.

De tudo isso resulta o inestimável valor das coleções iconográficas para os que necessitam da imagem viva do passado para melhor compreender e explicitar o que as palavras não podem esclarecer.

O interessante album de fotografias da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo elaborado por Marcelo de Almenda Toledo representa uma contribuição valiosa, ainda que lamentavelmente pouco extensa (apenas 71 fotografias!), para a iconografia desta vetusta instituição assistencial que, nas próximas décadas deverá completar quatro séculos de existência.

Dizemos lamentavelmente pouco extensa, porque temos certeza que o autor poderia nos fornecer ainda mais imagens do presente e do passado da Santa Casa, o que talvez não tenha feito por discricão e um contido laconismo diante de um projeto que, visivelmente, tocou sua sensibilidade humana e poética.

Mas como pesquisadora insaciável da nossa história, especialmente a da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, gostaria de encontrar mais imagens das formas atuais da assistência hospitalar, isto é, do pessoal médico, das enfermarias, do equipamento inclusive, para estabelecer comparações com as do início do século.

No entanto, o exame do album feito sem compromissos nos revela uma câmara sensível, carregada de humanidade e compaixão e que proporciona uma imagem modesta, mas bela, de uma instituição que vem acompanhando o sofrimento dos menos favorecidos há séculos.

As fotografias do despojamento, da simplicidade e, porque não dizer, da pobreza franciscana do velho edifício são completadas de forma tristemente harmoniosa pelos rostos cavados pela miséria, perplexos pela ignorância e pacientes diante da adversidade eternamente presente.

Não existe um modernismo aparatoso e chocante para contrastar de forma ofensiva e brutal com a humanidade sofredora que povoa esta casa de socorro.

Ali estão a dolorosa tristeza e o espanto das crianças, o abandono dos miseráveis, a solidão da velhice e a implacável realidade da morte.

Comoventes e simbólicas são, também, as imagens da freira que procura no lixo, como se quisesse encontrar algo de valioso naquilo que os outros lançaram fora, refletindo em gestos simples a eterna esperança dos abnegados que entregam sua vida àqueles a quem a sociedade marginalizou.

O autor conseguiu resumir de forma discreta e concisa o universo da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, o ultimo porto daqueles que, fugindo do abandono, chegaram à grande cidade em busca da fortuna, da segurança ou, simplesmente de esperança e que terminaram esmagados e devorados pelas exigências implacáveis de eficiência, coragem e resistência de uma sociedade competitiva e injusta.

LAIMA MESGRAVIS